



## ANA MIRANDA

// www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br //

# Drummond em Brasília 2

**“O FORTE DE DRUMMOND SEMPRE FOI A SUA DELICADA TRISTEZA, QUE NOS ARRASTA PARA UM MUNDO INTERIOR, PROFUNDO, NO MEIO DE UM PAÍS PERDIDO, O SENTIMENTO DO MUNDO”**

Gosto de Drummond, muito. E ele, de Brasília. Estou sempre falando nele, relendo suas poesias, e ele, sempre falando em Brasília. Ele se interessava mesmo por Brasília, e tenho ainda as minhas secretas convicções de que inspirou poeticamente Lucio Costa, quando eram vizinhos de mesa no funcionalismo público. Se lemos “A máquina do mundo”, ou todo o *Claro enigma*, vemos como Brasília é drummondiana. Mesa ao lado de mesa. Cadeira a cadeira. Linha por linha. Que diferença há, afinal, entre versos e ruas? Aliás, o poeta escreveu que ele era apenas uma rua, uma rua que começava em Itabira e ia dar em qualquer lugar do vasto mundo.

“...Sou apenas uma rua na cidadezinha de Minas...”

Descobri por acaso outro poema que Drummond fez a Brasília. Está em seu livro *Corpo*, um de seus últimos livros, talvez o último, não, veio antes de *Amar se aprende amando*, antes de *O amor natural*, antes de *Farewell*, e depois de *A paixão medida*. Um corpo entre paixão e amores. É uma parte do livro que se chama “Favelário nacio-

nal”, na divisão 19, “Confronto”. Este Favelário nasceu de um convite que o nosso maior intelectual cristão, Alceu Amoroso Lima, lhe fez para que olhasse as favelas do Rio de Janeiro. Olhasse poeticamente, claro.

O doutor Alceu tinha e não tinha razão. O forte de Drummond sempre foi a sua delicada tristeza, que nos arrasta para um mundo interior, profundo, no meio de um país perdido, o sentimento do mundo, e a poesia não precisa de nenhuma utilidade. Como diz outro poeta, o Affonso Romano, conhecido como o herdeiro de Drummond, a poesia não serve para nada e os filósofos ainda estão tentando explicar este nada.

Mas o convite do doutor Alceu fez com que Drummond percorresse um mundo que ele conhecia apenas de nome: Tucano, Sacopã, Cabritos, Guararapes, Barreira do Vasco, Morro da Catacumba, dos Urubus, Mangueira... no tempo dos tetos de zinco furados por estrelas, um pouco depois. Ele tinha medo, já havia a lâmina e o revólver. Urbaniza-se? Remove-se? Meu nome é Rato Molhado. Fonseca, Nova Brasília (sem ironia). Bidonville, taudis, slum, calam-



pas, corraldas, witch-town, hongos, bairro, casbah, villa miseria... Palafitas... Drummond tornou as favelas em poesia... A ilusão e a desilusão ideológica, a rosa do povo. Ele sempre andou entre a experiência íntima e os fatos públicos.

No “Favelário”, o poeta dá uma passada breve por Minas, em Montes Claros, e vai a Brasília, para falar das “gêmeas criações do gênio brasileiro”, Brasília e Ceilândia. Decerto se referia a Lucio Costa, talvez tenham tido uma conversa sobre o assunto, Lucio Costa andava muito pensativo sobre as cidades do Entorno. Ou seria a Juscelino? As irmãs gêmeas, Brasília e Ceilândia. Creio que posso citá-lo aqui, é tão fabuloso... A suntuosa Brasília e Ceilândia contemplam-se.

“...Qual delas falará primeiro? Que tem a dizer ou a esconder uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos prestes a saltar da goela coletiva e não se exprimem?”

Etc...

// ANA MIRANDA ESCREVE QUINZENALMENTE NESTE ESPAÇO //

MPB

# Sangue de sambista nas veias

AILTON MAGIOLI  
DO ESTADO DE MINAS

O Brasil pode até ter perdido um jogador de futebol, mas acabou conquistando um intérprete de primeira linha para o time do samba. A estréia da promissora carreira, em dose dupla, vem com o CD e DVD *Diogo Nogueira ao vivo*, gravado no Teatro João Caetano, do Rio, que a EMI está lançando. “Queria ser jogador de futebol, tentei até os 23 anos, no Esporte Clube Cruzeiro, do Rio Grande do Sul. Uma lesão no joelho me levou de volta à música, que também vivo desde a infância”, relata o jovem cantor, cuja herança genética vocal é perceptível até na fala. À primeira audição do disco, qualquer dúvida se desfaz.

Filho de João Nogueira, Diogo, de 26 anos, que tem o samba nas veias, é mais uma revelação da Lapa carioca, onde o gênero passa por período de revitalização intensa. Talentos como ele, Teresa Cristina, Moyses Marques e Casuarina, entre outros, fazem do tradicional circuito da boemia palco de sua música. “Cantei no Carioca da Gema, Sacrilégio, Rio Scenarium, Clube Democrático e outras casas”, lista Diogo. Bastou atender os convites para shows e rodas de samba na Lapa e não teve como segurar a carreira.

“Sempre cantei, nunca toquei instrumentos”, revela o sambista que, além de cantar muito bem, faz letras e músicas

com o talento legado pelo pai. “As pessoas sempre comentaram sobre meu timbre ser igual ao dele”, afirma, orgulhoso da “voz de trovão”. “Mas não o imito”, ressalta Diogo que, não por acaso, gosta mais do samba à moda antiga. “Tudo evolui na vida e no mundo e a evolução do samba vai muito bem. Mas há coisas difíceis de entender. Às vezes, por exemplo, entra um grupo para cantar samba, depois vem outro e não muda nada”, critica, referindo-se ao pagode romântico, que proliferou principalmente via São Paulo. “O samba moderno é o que está na Lapa, no Rio, que tem o pagode mas também a tradição do samba”, explica, citando como exemplos os grupos Revelação e o Exaltasamba, “que mantêm tal casamento”.

Diogo tem passagem também por segmento criticado ultimamente, o do samba-enredo. Venceu dois concursos recentes da Portela, ao lado de parceiros. “Entre nesse mercado por amor, não para usar como recurso financeiro”, diz o autor de *Os deuses do Olimpo na terra do carnaval, uma festa do esporte, da saúde e da beleza*, tema do ano passado da Portela, além do deste ano, sobre a natureza. “Tive a sorte de ganhar a primeira vez e agora novamente”, comemora o portelense, que torce para a escola desde pequeno. Ele elogia a ala feminina da escola, ainda restrita (são quatro compositoras): “São mulheres inteligentes, aguerridas. Deveria haver mais”, reivindica.

### Acervo

Antes da estréia na EMI, Diogo Nogueira começou a negociar com a Universal Music. O projeto inicial era um disco-tributo ao pai, cuja idéia está de pé. Detentor do acervo de João Nogueira, o filho revela possuir pelo menos 100 composições inéditas do pai, entre as quais parcerias com Paulo César Pinheiro, Paulo César Feital e Carlinhos Vergueiro. No DVD, um dos momentos mais tocantes é quando João começa a cantar o clássico *Espelho*, em imagem projetada na tela, seguido pelo filho.

Quando montou o show para apresentar o trabalho a executivos de gravadora, Diogo Nogueira confessa que não esperava ser convidado, de imediato, para gravar o DVD. “Não foi decisão minha, mas da empresa”, conta, afirmando que o fato de gravar ao vivo não o assustou porque

nunca havia tido experiência de estúdio. “Foi até melhor, apesar do pouco tempo de carreira”, reconhece.

No repertório, das 20 faixas, estão presentes sete de autoria de João Nogueira, algumas

de sua própria, como o samba-enredo da Portela do ano passado e composições de outros autores.

Entre os famosos da platéia registrados pela câmera, Beth Carvalho, a madrinha do samba com quem Diogo já tinha se apresentado.

“Cantei com ela, Alcione e outros. Isso é tranquilo para mim”, revela o cantor, que recebe também como convidados no CD e no DVD o violonista Marcel Powell, filho de Baden Powell; o cantor Xande de Pilares e o rapper Marcelo D2, fã declarado de João Nogueira. “O versar, tão comum no partido alto, nada mais é do que o rap”, afirma Diogo, explicando o casamento do samba com o gênero. Já o funk carioca não atrai o filho de João Nogueira, “por denegrir a imagem da mulher nas letras”.

### DIOGO NOGUEIRA AO VIVO

CD e DVD do sambista. EMI, 20 faixas. R\$ 34,50.



DIOGO NOGUEIRA NÃO NEGA A HERANÇA GENÉTICA: POSSUI O MESMO TIMBRE DO PAI, JOÃO NOGUEIRA